Um mesmo título, várias plataformas de leitura: problematizando dados empíricos sobre apropriação de textos impressos e eletrônicos[1]

André Carlos MORAES[2]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo problematiza dados empíricos sobre leitura encontrados na pesquisa *Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 201*, com vistas à reaplicação e continuação do trabalho de campo. Levantamento com estudantes aprovados no vestibular da UFRGS apontou a existência de um fenômeno de superposição de suportes, em que alguns alunos conjugaram plataformas impressas e eletrônicas durante a preparação. Discute-se o que isso possa representar à luz de modelos conceituais sobre livro e leitura, assim como se procura ampliar o marco teórico a ser tomado como referência na próxima etapa.

PALAVRAS-CHAVE: livro eletrônico; e-book; leitura; vestibular.

Introdução

Este trabalho discute indicadores sobre o relacionamento entre suportes de conteúdo e métodos de estudo e leitura, a partir de dados empíricos encontrados em uma pesquisa preliminar. Integra a operação de definição de objeto de uma pesquisa de doutorado em andamento. Com a proposta de manter um fluxo dialógico entre pressupostos teóricos, dados e reaplicação dos resultados, as seções a seguir realizam uma alternância entre estas instâncias. São apresentados os conceitos que deram origem à pesquisa inicial, seguidos de um resumo dos resultados alcançados, mais uma revisão teórica já elaborada a partir de perspectivas abertas por estes dados.

A temática da pesquisa diz respeito ao papel do livro eletrônico no contexto dos leitores contemporâneos, com ênfase na compreensão de como o meio é utilizado na apropriação de textos. Um dos objetivos é não efetuar uma análise reducionista, motivo pelo qual o trabalho procura entender todo o contexto de formas de registro e leitura que se en-

[1] Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM UFRGS, email: andrecmoraes@uol.com.br

contra à disposição dos diferentes leitores. Especificamente, foi adotado como público deste estudo um grupo de estudantes universitários.

Marco teórico inicial

O tema do livro eletrônico suscita discussões e investigações que tendem a se concentrar, inicialmente, em sua configuração tecnológica. É o caso de uma síntese recente, apresentada pela professora norte-americana Nicole Howard, da California State University, no livro *The Book: the life story of a technology*, de 2009:

> Dados os vastos números de livros no mundo, só se pode especular sobre para onde irá a tecnologia do livro no século 21. Certamente, o futuro dos livros eletrônicos é promissor. Papel e tinta eletrônicas reutilizáveis, em conjunto com tecnologia de microprocessadores, poderiam produzir um livro único que tenha potencial para se tornar qualquer livro impresso. A vida do livro poderia ser consolidada em um conjunto eletrônico único, tinta substituída por elétrons, papel por telas flexíveis, e encadernação por capas sintéticas contendo chips de computador. Mas tais noções permanecem, por enquanto, essencialmente os produtos de otimismo tecnológico. (HOWARD, 2009, p.157-158)[3]

Esta aproximação inicial que analisa o livro eletrônico a partir de seu perfil tecnológico ocupa espaço na bibliografia da área e concentra trabalhos acadêmicos. Ela tende a negligenciar, contudo, a multiplicidade de fatores envolvidos na prática social que constitui o livro, em sentido mais amplo. O próprio estudo do livro impresso, em anos recentes, tem motivado alertas de alguns autores a respeito da necessidade de que as análises levem em conta um conjunto de aspectos culturais. Há, inclusive, obras que se detêm, no nível metacientífico, em analisar a questão multidisciplinar envolvida nos estudos sobre o livro. É o caso do título *Old books & new histories: an orientation to studies in book and print culture*, da professora Leslie Howsam, da Universidade de Windsor:

> Velhos Livros e Novas Histórias busca ser uma orientação, uma espécie de guia de campo, para identificar e analisar os três maiores enfoques acadêmicos para estudos da história e cultura do livro. Estes enfoques ocorrem através dos estudos literários, bibliografia e história, disciplinas com problemáticas muito diferentes e algumas vezes conflitantes, que convergem sobre um fenômeno que é simultaneamente um texto escrito, um objeto material e uma transação cultural – o livro. (HOWSAM, 2006, p.vii)[4]

Esta reflexão da autora é útil em vários níveis, ao apontar o caráter multidisciplinar dos estudos a respeito do livro e, também, as diferentes dimensões que ele representa como

[3] Traduzido do original em inglês pelo autor deste artigo.
[4] Traduzido do original em inglês pelo autor deste artigo.

objeto de estudo. O livro eletrônico, compreendido como continuação ou complementação do livro impresso, também pode ser entendido, por associação, como o amálgama dos mesmos elementos mencionados por Howsam, o texto escrito, o objeto material e a transação cultural. Estudos que privilegiem o caráter tecnológico da diferenciação entre impressos e eletrônicos, como na definição dada mais acima por Nicole Howard, tendem a se concentrar unicamente no aspecto do objeto material. A pesquisa realizada trabalha com a perspectiva de que a compreensão do livro eletrônico e de sua diferenciação em relação ao livro impresso não pode prescindir da compreensão de sua dimensão social, precisamente aquilo que Howsam define como a "transação cultural" do livro.

A pesquisa inicial, apresentada na seção a seguir, partiu deste pressuposto. Foram utilizadas como fontes teóricas observações e modelizações conceituais de Robert Darnton (2009), Roger Chartier (1998), John B. Thompson (2008), José Afonso Furtado (2006), Ted Striphas (2011) e Jeff Gomez (2008), entre outros.

A pesquisa inicial

Os dados apresentados a seguir foram obtidos durante o trabalho de campo da pesquisa que originou a dissertação de mestrado *Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011*.[5] Resumidamente, o trabalho empírico consistiu em fazer um levantamento com 263 alunos de primeiro ano da UFRGS de nove cursos diferentes, em 2011. Através de questionário autoaplicado, eles responderam a perguntas sobre as formas de apropriação da lista de leituras obrigatórias do vestibular no qual foram aprovados. Eram doze livros de literatura brasileira. O objetivo da pesquisa era observar quantos títulos haviam sido lidos e em quais suportes. Não serão abordadas aqui as estatísticas de leitura totais nem por título.[6] A presente análise se concentra nas formas de suporte adotadas pelos estudantes pesquisados.

[5] Foi defendida pelo autor deste artigo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da UFRGS em maio de 2012, com orientação de Ana Cláudia Gruszynski. Um resumo dos dados encontrados foi apresentado no GP Produção Editorial do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, sob o título *Textos eletrônicos e suportes de leitura: um estudo com alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Aqui, não são reapresentados os dados deste trabalho. Trata-se de uma problematização diferente e específica, com vistas à reaplicação dos resultados em uma nova pesquisa.

[6] Por questão de espaço, o presente artigo também não entra em detalhes sobre os pressupostos metodológicos nem sobre a operação de definição do corpus amostral, que mesclaram observações teóricas encontradas nos autores da bibliografia com dados quantitativos preexistentes da segunda edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

A tabela 1 traz os dados de consulta por suporte declarados pelos alunos. A coluna à esquerda traz as categorias que era possível marcar, pelas quais os respondentes poderiam ter entrado em contato com as obras da lista do vestibular. Eram incluídas as formas de acesso ao texto integral (livro impresso, xerox, texto eletrônico) e também suportes de estudo ou oralidade (aula, resumos impresso e da Internet, filmes, teatro).

		Respondentes	(%)
1º	Livro impresso	237	90,11%
2º	Aula	182	69,20%
3º	Resumo impresso	158	60,08%
4º	Resumo Internet	116	44,11%
5º	Xerox ou apostila	114	43,35%
6º	Texto no computador	83	31,56%
7º	Filme ou documentário	83	31,56%
8º	Teatro	9	3,42%
9º	Leitor de e-book, celular ou tablet	5	1,90%
10º	Palestra	3	1,14%
11º	Audiolivro	2	0,76%

Tabela 1. Suportes utilizados pelos estudantes pesquisados

Note-se que a Tabela 1 é a tabulação dos resultados por estudante. Cada aluno que utilizou um suporte conta uma vez na totalização dada na segunda coluna. Os totais por linha não ultrapassam o teto de 263 (quantidade de alunos no corpus amostral) ou 100%. Cada aluno podia marcar mais de um suporte, motivo pelo qual não é feita uma totalização das colunas verticais. À parte a prevalência do suporte de livro impresso, observa-se expressiva participação das categorias aula e resumos.

É através de outros dados do levantamento inicial que pode ser melhor visualizado o objeto da problematização do presente artigo. O Gráfico 1 é o histograma de superposição de categorias. Ele traz uma representação de quantos alunos, em média, assinalaram quais quantidades de categorias de suporte e estudo. Observa-se que houve maiores índices de marcações assinalando três, quatro e cinco categorias. Para compreender o que os números significam, um respondente que houvesse assinalado, por exemplo, que utilizou livro impresso, resumo Internet, aula e computador estaria listado na barra de 4 suportes.

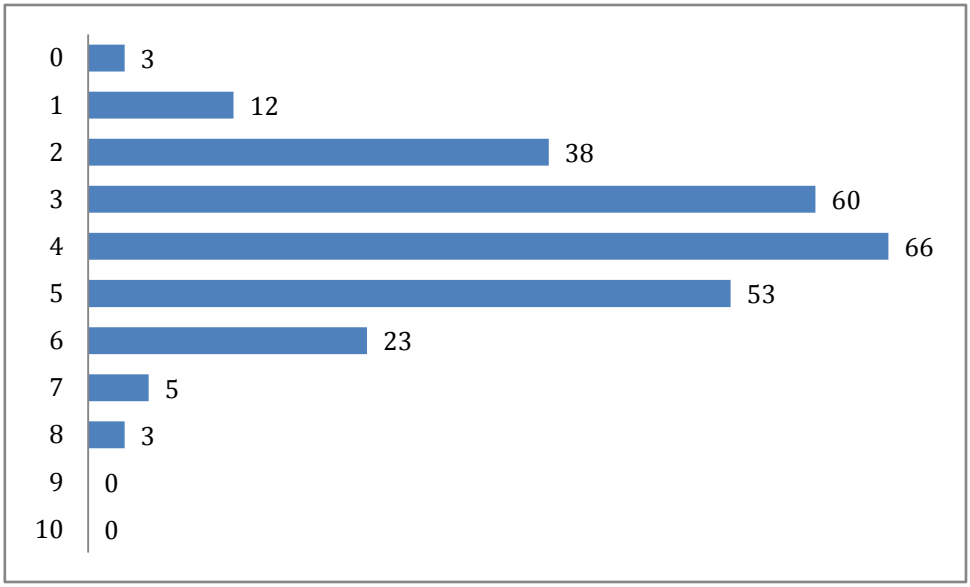

Gráfico 1. Frequência (histograma) de superposição de categorias

Independente dos números de leitura absolutos, dos títulos que tenham sido mais lidos ou mesmo das categorias da Tabela 1, um dos resultados mais pronunciados da pesquisa foi o da superposição de categorias de acesso. Como se nota pelo Gráfico 1, a maior parte dos estudantes lançou mão de vários suportes e modalidades de contato para se apropriar das obras da lista de vestibular.

Na Tabela 2 é possível aprofundar o olhar sobre este fenômeno de superposição de categorias. Ali está detalhada a ficha de resposta de uma das estudantes pesquisadas. Trata-se de uma estudante de Ciências Jurídicas de 19 anos, que na pesquisa recebeu o codinome de DIR23. As colunas do quadro com as letras de A até L representam os doze títulos da lista de leituras obrigatórias, que não serão abordados aqui. À esquerda estão marcadas as categorias de estudo e apropriação que vinham no formulário. As duas últimas são desdobramentos da opção "outros", que permitia que o respondente preenchesse espontaneamente com seus próprios termos. DIR23 assinalou ter lido na íntegra onze das doze obras obrigatórias (havia outro campo do formulário para esta marcação). O que chama a atenção em sua forma de estudo foi, justamente, a maneira pela qual conjugou categorias, como se observa pela tabela 2. Ela integra o grupo de respondentes com maior superposição de categorias. No Gráfico 1, ela está entre os 23 que utilizaram seis linhas da ficha.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
Livro impresso	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Xerox												
Texto no computador	x	x	x									x
Leitor de e-book, celular ou tablet												
resumo Internet	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Resumo impresso	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
filme/documentário			x									
aula/grupo de estudo												
audiolivro												
outros: teatro									x		x	
outros: palestra	x	x	x	x	x	x	x	x		x		x

Tabela 2. Ficha de categorias de uma das alunas pesquisadas (DIR23)

Nota-se que DIR23 marcou quase todos os títulos na opção Livro impresso, além de ter marcado todos nos resumos impresso e da Internet. Para várias obras, utilizou múltiplas categorias. Na referida como código C, em particular, ela assinalou as opções Livro, Computador, Resumo Internet, Resumo Impresso, Filme/documentário e Palestra.

A pesquisa inicial também envolveu contato telefônico com alguns dos estudantes, com fins de triangulação dos dados. DIR23 foi uma das entrevistadas nesta fase. Durante a conversa, a estudante ressaltou ter realizado em primeiro lugar a leitura dos títulos em livro, utilizando em alguns casos os textos do computador para facilitar o acesso a trechos durante o estudo. Também disse que assistiu a filmes e peças de teatro baseadas nas obras só depois de ter feito a leitura, a fim de comparar. DIR23 fez uma preparação meticulosa para o vestibular, lendo quase todos os livros recomendados na íntegra e reforçando o estudo das obras inicialmente feito em papel com outros suportes.

Especialmente interessante é o fato de que DIR23 assinalou ter tido contato com versões eletrônicas de quatro obras, das quais três eram títulos que leu em papel. Ela foi o exemplo mais pronunciado deste tipo de superposição de suportes dentro da amostra de 263 alunos pesquisados, mas não é um caso isolado. Em menor escala, foi observado este uso concomitante do livro impresso e do texto eletrônico em outros casos. Alguns respondentes

também indicaram ter utilizado a versão eletrônica como atalho de acesso, imprimindo depois os arquivos para leitura em papel. Isto aconteceu principalmente com textos curtos, como contos e poemas. Nestes casos, a complementaridade de suportes consistiu em substituir eletronicamente uma das etapas do ciclo vital do livro – no caso, a distribuição[7].

Revisitando a teoria

A etapa atual da pesquisa consiste em cotejar estes dados empíricos iniciais – não necessariamente aqueles que estavam sendo buscados quando a primeira revisão bibliográfica, preparatória, foi realizada – com as fontes teóricas. Esse procedimento busca observar quais aspectos da realidade observada junto aos estudantes representam projeções já presentes na teoria e quais, eventualmente, podem ser problematizados com vistas a um novo ciclo do trabalho de campo.

A questão da utilização simultânea de suportes, mencionada na seção anterior e personificada no caso emblemático da estudante DIR23, sugeriu uma busca pelas categorizações de modos de leitura. Escreve Roger Chartier:

> Uma outra "revolução da leitura" concerne ao estilo de leitura. Na segunda metade do século XVIII, à leitura "intensiva" sucedera outra, qualificada de "extensiva". O leitor "intensivo" é confrontado a um corpus limitado e fechado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e conhecidos de cor, transmitidos de geração em geração. [...] O leitor "extensivo", aquele pertencente à Lesewut, da fúria de ler que invade a Alemanha nos tempos de Goethe, é um outro leitor bem diferente: ele consome impressos numerosos e diversos; ele os lê com avidez e velocidade; ele exerce em seu lugar uma atividade crítica que não se omite frente a qualquer domínio ou dúvida metodológica. (CHARTIER, 1998, p.99-100)

Chartier relativiza o próprio conceito, alertando que nem sempre a leitura extensiva e a intensiva estão claramente em oposição e que há ocorrências de um modo mesmo em épocas com maior predominância do outro (CHARTIER, 1998, p.100). De certa forma, é isso que se observa analisando os dados da pesquisa inicial. Frente à obrigação imposta pela Universidade de estudarem uma lista de doze livros recomendados, os estudantes se veem confrontados com o que Chartier, no trecho citado, referiu como com "um corpus limitado e fechado de textos". Alguns dos candidatos, como se observa no Gráfico 1 e na Tabela 2, revisitaram os títulos repetidamente. Ou seja, eles se dedicaram a uma leitura intensiva,

[7] Um esquema do ciclo vital do livro, passando pelo autor, editor, impressor, distribuidor e varejista, é dado por Robert Darton (2009, p.182).

mesmo vindo de uma cultura, como a sociedade contemporânea, que poderia ser caracterizada essencialmente como de leitura extensiva.

Especialmente no caso de DIR23, nota-se que sua leitura intensiva não se deu sempre no memo suporte. Em certo sentido, inclusive, seu mergulho intensivo nos textos não envolveu sequer leitura, já que em alguns casos revisitou as obras através de filmes e peças de teatro. Chartier mencionava que os textos da leitura intensiva eram "lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e conhecidos de cor" (CHARTIER, 1998, p.99), enunciado que permite a inclusão, por exemplo, da transmissão oral que está presente nas marcações de aula e palestras. Mas ao utilizar repetidamente recursos como os audiovisuais, a estudante excede, tecnicamente, o domínio do texto. Neste sentido, poderia ser de relevância pesquisar em maior profundidade este efeito de uso extensivo de suportes que é observável mesmo em um regime de leitura intensiva.

Precisamente este contraste entre modos de leitura e sua aplicação na contemporaneidade do texto eletrônico é uma intuição trabalhada por outros autores. Em um livro sobre teorias de leitura, Karin Littau conclui exatamente a seção sobre leitura intensiva e extensiva com uma reflexão sobre os rumos do livro na sociedade do hipertexto eletrônico (LITTAU, 2006, p.22). E John B. Thompson, falando sobre as percepções de editores anglo-saxônicos sobre as vantagens do texto eletrônico, cita a intertextualidade, ou o fato de ser "capaz de dar um caráter dinâmico àquilo que poderíamos descrever como a função referencial dos textos"[8] (THOMPSON, 2008, p.320).

Como tópico específico, a questão da utilização simultânea de suportes, como o impresso e o eletrônico, é pouco abordada. Há formulações intuitivas de alguns autores, na forma, geralmente, de comentários incorporados nas discussões mais amplas sobre o futuro do livro. Anne Mangen, especialista em leitura pelo Centro Nacional de Pesquisa de Leitura e Educação da Universidade de Stavanger, Noruega, observa que "a fim de acomodar adequadamente práticas de leitura contemporâneas e futuras, a leitura deveria talvez ser redefinida como um envolvimento multissensorial"[9] (GERRITZEN; LOVINK; KAMPMAN, 2011, p.106).

[8] Traduzido do original em inglês pelo autor deste artigo.
[9] Traduzido do original em inglês pelo autor deste artigo.

Considerações finais

Dentro da grande discussão sobre as transformações do livro e a importância presente ou futura do livro eletrônico, um dos caminhos de pesquisa que podem ser trilhados diz respeito à configuração que é dada a estas tecnologias a partir do uso pelos leitores. Neste sentido, seria relevante a problematização de temas como os modos de leitura e as intertextualidades e interdependências que sejam estabelecidas pelo usuário ou leitor no momento da apropriação dos textos ou do conteúdo.

Especificamente dentro da atual pesquisa, a preocupação com esta dimensão empírica já norteava o trabalho, desde o propósito inicial de entender o livro eletrônico a partir de seu uso pelos leitores. Mas entre os questionamentos surgidos através da análise dos primeiros dados está a questão de compreender em maior profundidade, ou ao menos investigar mais detidamente, o fenômeno da superposição de suportes. Trabalha-se com resultados de um público muito específico, o universitário, e a partir de uma amostra reduzida, o que justificaria pelo menos a ampliação do estudo de campo. Mas é possível argumentar, mesmo neste ponto inicial, que qualitativamente a ocorrência de fenômenos que sejam pouco especificados nas pesquisas da área, ou mesmo que não estejam contemplados nos modelos teóricos, indicaria por si só a conveniência de uma abordagem pormenorizada.

A fase atual da pesquisa, em etapa de problematização, ainda passa pela revisão extensiva de bibliografia a fim de averiguar o estado da arte dos estudos que relacionem, no caso do livro e do livro eletrônico, modos de leitura e superposição de suportes. Antes de se configurar como problema traduzível em objetivos, é preciso refinar a análise dos dados existentes e seu cotejo com tipificações e conceituações teóricas desta área de estudo multidisciplinar. Esta operação de fluxo entre os dados aportados da observação do mundo empírico com o domínio dos construtos e modelos é, de qualquer forma, um dos objetivos da pesquisa, estendendo o tratamento do tema às instâncias epistemológica e metodológica. Defende-se que desta forma seja possível contribuir para as discussões mais amplas do futuro do livro e da transformação das práticas de leitura à luz das mudanças culturais e tecnológicas ainda em curso.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2.ed, 1998.

DARTON, Robert. **The case for books**: past, present, and future. New York: Public Affairs, 2009.

FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel**: do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

GERRITZEN, Mieke; LOVINK, Geert; KAMPMAN, Minke (org). **I read where I am**: Exploring new information cultures. Amsterdam: Valiz, 2011.

GOMEZ, Jeff. **Print Is Dead**: Books in our digital age. 8th. ed. New York: Macmillan, 2008.

HOWARD, Nicole. **The Book:** the life story of a technology. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2009.

HOWSAM, Leslie. **Old books & new histories:** an orientation to studies in book and print culture. Toronto: University of Toronto Press, 2006.

LITTAU, Karin. **Theories of reading**: Books, bodies and bibliomania. Cambridge: Polity, 2006.

STRIPHAS, Ted. **The late age of print**: everyday book culture from consumerism to control. New York: Columbia University Press, 2011.

THOMPSON, John B. **Books in the digital age**. Cambridge: Polity, 2008.